

C. B. L.

NO 1

FAN

1162 A

TO

CHES

BASTIDORES DA POLITICA
E DOS NEGOCIOS

PANFLETO
SEMANAL

ROCHA
MARTINS

75

UNDERWOOD



PERFEITA COMO
UM RELOGIO
DE PRECISÃO

AGENTES
THE MODERN OFFICE LTD.
Casa especial de mobiliário e artigos para escriptorios

R. de Alcaçins, 107,
LISBOA
Telefone C 3855

ROCHA MARTINS

MONARQUIA DO NORTE

Completa e emocionante narrativa historica dos acontecimentos produzidos antes, durante e depois daquele periodo da vida nacional

Rocha Martins, um dos maiores exemplos de labôr na vida intelectual portuguesa, acaba de publicar mais uma obra, interessante como todas as suas obras, intitulada «Monarquia do Norte».

Como o nome indica, refere-se êste livro á efêmera restauração monárquica que no Pôrto teve centro de acção sob a regência de Paiva Couceiro, e cujos episodios mais impressionantes começam após a morte de Sidónio Pais, terminando com o julgamento dos dirigentes dessa frustrada aventura.

Rocha Martins é dos poucos publicistas em Portugal que sabe conhecer e aproveitar os assuntos, e como é dotado de extraordinarias faculdades de trabalho, não recua ante o maior esforço de inquérito ou compilação, dando-nos obras de assinalado merecimento que, além dum relativo valôr literário, constituem imprescindível documentação para o definitivo juizo histórico que, em dias mais serenos, houver que traçar-se destas tumultuosas épocas.

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

A Verdade sobre a embaixada de Londres

Os fios duma velha historia — Os jornalistas e o turbulo — O que era, em 1918, o prestigio do sr. Teixeira Gomes — O preso de Avenida Palace — A situação do dr. Augusto de Castro

Alguns jornaes, referindo-se à elevação da legação portuguesa em Londres a embaixada, chamam a esse acto «o resultado da politica pessoal do sr. Teixeira Gomes».

Não é preciso conhecer muito a vida dos governos nacionaes para se saber que taes afirmações são falsissimas.

Quando se tratou dessa maior prova de deferencia da aliada — a dos Braganças, como se chamava em 1890 e depois, à Gran Bertanha — «à bebida impudente», segundo escreveu o poeta republicano e genial Guerra Junqueiro —, quando a Inglaterra pensou em delinir o seu apreço pelo nosso país o sr. Teixeira Gomes mal imaginava que viria a ser chefe do estado. Neste tempo era apenas o detido, ás ordens de Sidonio Paes, num quarto do Avenida Palace porque, generosamente, o vencedor, não o quis alojar numa fortaleza.

É que o actual presidente da republica portára-se no seu cargo como um mau português. Em vez de se demitir, desde que não concordava com a revolução de 5 de dezembro, lançava, em Londres, a desconfiança sobre os intuitos internacionaes dos homens de 5 de dezembro, à sombra das prerogativas da sua posição.

Congregava uma acção com o dr. Brito Camacho, que espalhava sobre o governo a nota «de gerar receios sobre a segurança da republica». Seguia-se a mesma tatica usada para com Pimenta de Castro quando este não entregara o poder e se recusara a conceder a maioria de deputados que o nefasto politico pretendia. O sr. Teixeira Gomes deixára o seu Algarve, a empreita, a seca do figo, os seus devaneios literarios, as suas fantasias e os seus desdens pela republica porque o chefe unio-

11

1162



nista o chamara a si. O premio fôra a legação de Londres e quando se tornara necessario agir contra o dirigente da revolta do Parque Eduardo VII e da conspiração, que o proprio dr. Camacho impulsionara, o plenipotenciario em Inglaterra atirara no Foreign Office palavras de duvida acerca da pureza das ideas favoraveis aos aliados por parte de Sidonio Paes.

Ao mesmo tempo os democraticos preparavam a revolução e, sem imaginar que lhe pagariam tão bem, o autor do *Agosto Azul* e doutros meses sensuaes e literarios, obedecia ás ordens do seu chefe politico para o descrédito do sidonismo nos meios diplomaticos britannicos.

Narrei tudo isto, sem desmentido, no *ABC* e a paginas 144 do meu livro *Memorias sobre Sidonio Paes*.

Torna-se, porém, necessario mostrar aos lisongeiros jornalistas a sua má fé ou a sua ignorancia quando imputam a transformação da legação de Londres em embaixada ao prestigio do sr. Teixeira Gomes só porque um navio ingles o trouxe ao Tejo como se conduzisse um residente britannico. O transporte numa nau ingleza foi recusado pelo infante D. Miguel, em 1828, preferindo ele viajar na *Perola*, à sombra da bandeira portuguesa para vir ocupar o logar-tenencia do reino onde se proclamaria soberano. É que o principe, apesar de estoira vergas e de pouco afeto à literatura, preferindo-lhe as touradas, sentia mais a alma da sua patria e, por instinto, desconfiava tanto da aliada como esta, noventa anos depois, do enviado de Portugal, sr. Teixeira Gomes.

E a prova de que não tinha acreditado seus dizeres estava no passo que sir Lancelot de Carnegie, ministro britannico em Lisboa, daria mesmo ante a prisão do diplomata portugues no seu quarto do Avenida Palace.

Ali se conservou uns dias com a homenagem de descer à barbearia. As sentinellas faziam-lhe a continencia como num presagio do bom futuro da chefia da republica, de presidente do partido democratico, visto os seus antigos correligionarios o desdenharem na hora da grande eleição.

Era, pois, um preso o sr. Teixeira Gomes quando Sidonio Paes recebeu o seguinte e significativo telegrama de Jorge V, o qual ainda não convidara o plenipotenciario para Windsor nem para Sandringham.

«Comprazemo-nos em que a Nação Portuguesa, antiga aliada do nosso país, esteja entrando numa nova era de felicidades e de prosperidades sob a sabia direção de V. Ex.ª e antevemos o triunfo, que se aproxima, da grande causa pela qual os dois povos mais uma vez deram em comum o seu sangue.»

O ex-representante de Portugal em Londres parece que não concordava, os democraticos exilados faziam em Paris a difamação do novo chefe do país. Pensavam todos, estes grandes do regimen, pela cabeça dos frequentadores da *Brasileira* do Rocio.

Mas a importancia que lhes ligavam os britannicos era nula e a prova estava na missão com que o ministro ingles se apresentava na secretaria dos negocios estrangeiros. Era portador dum officio no qual o seu governo transmitia o seguinte:

«Sua Magestade Britanica deseja acreditar um embaixador em Portugal e S. M. o Rei da Gran Bertanha e Irlanda está pronto a receber um representante diplomatico de

Portugal com a categoria de embaixador, na corte de S. James.

«É intenção do governo de S. M. que esta atenção se efetue por ocasião da proxima mudança da representação de S. M. em Lisboa.»

Por este tempo não eram, com certeza, a influencia e o prestigio do sr. Teixeira Gomes que ditavam estas palavras ao governo da nação aliada. O caso causara tanta impressão que irritara, profundamente, o dr. Bernardino Machado, então no exilio, onde parodiava as magestades decaídas das peças boulevardieras. Falava constantemente do «seu povo»; dos de «lá bas», do desespero ante o usurpador. E num movimento de quem puxa dum punhal tomara a pena e escrevera uma carta de queixas, retaliações e coleras a... Lloyd Georges, o qual, no meio dos seus afazeres não encontrara um breve instante para a resposta ao homem que, no tempo da propaganda da republica, fôra cognominado *El Presidente*, pela vontade do dr. Alonso Costa, chegara ao cargo e pela da nação passara a ser o ex-presidente e eterno viuvo do poder.

A Inglaterra, presentemente, desejou o renovamento da atenção que teve com Sidonio Paes realisou a promessa espontanea e publica feita, ante a ação do vencedor da demagogia, ao povo portugues, porém, embora queira dar ao seu gesto a apparencia de novo e haja quem o proclame, turiferando o presidente do partido democratico, residente em Belem, jamais se conseguirá que o país seja embalado como parece ter sido o dr. Augusto de Castro o qual, como se acreditasse pouco no prestigio, na politica, na situação excepcional do sr. Teixeira Gomes, aceitou o cargo de ministro provisorio em Londres no momento em que já se andava à procura dum... embaixador.

Se não fosse a pagina de historia de 1918 imaginar-se-ia que a Moagem exercera uma ação prejudicial ao antigo diretor do seu orgão e sempre é melhor acreditar no que se prova do que na influencia maxima da formidavel instituição, da maquina portentosa de acumular dinheiro.

A Moagem perante a Justiça

Evocação duma velha campanha—Onde começa o castigo—A Justiça e o desvario—A acção dos "Fantoches", e a Moagem—Os meus processos e os alheios

Quem primeiro atacou a Moagem fui eu. Desconhecia a maioria dos moageiros, e se com alguns falava, era porque ainda não me inteirára de sua acção malevola. Cortei as relações com todos eles e puz-me a combater. A minha volta fazia-se o silencio dos jornais que lhes pertenciam, e, enquanto os redactores attribuiam a ordens formais dos patrões do fardim do Tabaco a pena do olvido para mim, estes afirmavam serem os dirigentes dessas suas gazetas que não queriam—por um sentimento de fisonja para com eles, seus senhores—tratar da minha pessoa. Seja como fór, cumprio sempre o meu dever e para prestar homenagem a um vulto não inquiri de suas opiniões politicas, de seus sentimentos ou de suas relações comigo. Tenho feito justiça nos meus jornais a pessoas com quem tenho as relações cortadas por causa da politica.

Devo declarar que nunca me incomodei com a brutalidade do procedimento daqueles jornalistas, porque, ainda que me louvassem, não desistiria do meu ataque. Cheguei a ter uma scena pessoal com alguém que, então, me censurava a acção e hoje me presta a homenagem da sua penitencia e persisti em apontar os moageiros, — ou antes, seus processos— como quiz e como desejei. É que, assim como senti em Afonso Costa o ganhão que, em nome da liberdade, queria empolgar o país e encher o seu cofre vasio, vi, tambem, na Moagem a origem de grande parte do mal estar nacional.

Combati o politico e, quando ele esteve vencido e preso na fortaleza de Elvas, lamentei que não se fivesse inquirido das origens de sua fortuna. Sidonio Pais deu-lhe a liberdade e porque usou dessa gentileza foi morto. Na hora em que o prisioneiro transpôz a fronteira, sem que o fivessem atingido nos seus bens, sem que desmanchassem sua legenda, senti a aproximação duma agonia: a do presidente.

E, todavia, eu, não queria o fim dêsse homem culpado, não o desejava morto numa cilada; embora pudesse voltar a ser sua vitima, preferia isto a vê-lo num lago de sangue nascido dum odio, movido numa traição. Queria-o a dar contas; não o queria a mover piedades. Entrevia o caso dêsse modo, dirão uns que por sentimentalismo, outros, que por calculo,

eu dir-lhes-hei que pela razão unica dos meus conhecimentos do povo português e de sua progressa historia.

Quando Dias Monteiro—o amigo e antigo chefe de gabinete do dr. Afonso Costa—me falou dum agradecimento ante umas cartas do filho do vencido que eu mandara entregar-lhe, apenas volvi:

—Se ele voltar ao mando, conspiro outra vez!

—Porquê? Porquê?

—Porque não é sincero e causou o grande mal dêsse povo para servir os seus caprichos e enriquecer-se...

Assim pensei, assim penso ainda e jámais mudarei de opinião.

Depois dêsse politico tortuoso não combati mais nenhum. Incidentalmente criticava este ou aquele; desinteressava-me, até, dessa turba mediocre e derrotista, esmaltada de ambições e de mentiras.

Mas diante dum pobretana, que conhecera de mãos vacias, tornado grande capitalista—e ao qual deixei de falar—quiz profundar a sua riqueza súbita.

—Foi na Moagem que a ganhou!...

E puz-me a estudar a Moagem. Dei a origem de minha campanha; daí as certezas dos males causados. Vinha um antigo ministro das Finanças, Peres Trancoso, meu velho amigo, e mostrava-me os lucros fabulosos dessa gente e eu defendia o povo quando a atacava. Ela, a loba, comprava tudo, julgo que compra ainda tudo, penas, farinha, consciencias, governos e bachareis; penso que domina tanto que difficilmente será vencida e não vejo senão grandes inimigos, à sua volta, secundando a acção que principiei, modestamente, nas paginas dêsse panfleto, o qual, por seu preço, só chega às mãos das classes categorisadas, quando é ao povo que desejo expôr o meu programa.

Já aparece muita gente para combater a Moagem, mas, como se houvesse receios duns, ou outros esperassem dela alguma cousa, não vejo que se exerça a acção preconizada por mim, a unica benefica e logica:

—Inquerito às fortunas dos moageiros, mesmo dos que deixaram seus cargos desde ha seis anos. Conhecimento directo dos Bneos portugueses ou estrangeiros onde guardam seus capitais.

—Responsabilidades apuradas de sua participação nos males nacionais e sequestro dos bens obtidos com seus exagerados lucros.

—Internamento até se examinarem suas culpas.

Foi em parte este o programa de um politico argentino, que salvou a sua patria das mãos plutocratas.

O que vejo, por parte de quem manda—como o sr. Ministro da Agricultura— não é isto; o que sinto, por parte do deputado sr. Cameasas, é o desejo de lhes tirar os jornais, deixando as fabricas em paz. Como se não fosse um applicado estudante larga as origens e toma as causas; o que noto é ainda aquele terror estranho que perturba os crentes diante dos idolos e os medrosos em frente dos tiranos. Esta indecisão dos que gritam contra a moagem participa do entrechoque dos dentes dos convencionais à vista da figura de Robespierre e do deliquio dos here-siarcas em frente da porta da cela de Torquemada. Bastou um perfume de amor para fazer do jacobino um farrapo. Tallien jogou tudo e venceu-o.

